

Resenha

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos da reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Um retrato da reexistência através dos letramentos

Juliana Paiva Santiago *

Rosemeire Selma Monteiro-Plantin **

Quando uma pesquisadora se propõe a enveredar pelas sendas das linguagens de resistência da periferia características do movimento cultural Hip-Hop, disposta a averiguar os aspectos dos letramentos existentes naquela comunidade, e depara com o rechaço de seus próprios membros para com o universo acadêmico, aflora-se um contexto desafiador para o surgimento de excitantes descobertas.

Assim ocorreu com a professora da Universidade Federal da Bahia Ana Lúcia Silva Souza, até então doutoranda em busca de dados para a sua tese. Ao chegar às comunidades de cultura Hip-Hop, descobrira nos sujeitos em potencial de sua pesquisa mais que agentes de um letramento de resistência à exclusão e ao preconceito como outrora supunha. Descobriria agentes de

* Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada - PPGL). E-mail: julisantiago.jps@gmail.com

** Professora da Universidade Federal do Ceará desde 1996. Doutora em Psicolinguística, pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001), Mestre em Linguística, pela Universidade Federal de Santa Catarina (1995) e Licenciada em Letras/Português, pela Universidade Estadual de Maringá (1992). E-mail: meire@ufc.br

letramentos múltiplos, conscientes da sua identidade social e lúcidos das ferramentas de que dispunham. Descobriram que naquele movimento cultural onde a linguagem era resignificada, havia o logradouro dos conhecimentos que legitimavam a identidade e a cultura negra da periferia. Eis onde reside uma das grandes contribuições desta pesquisa: a percepção do movimento Hip-Hop como o recôndito de reexistência de jovens como seres sociais, humanos e letrados.

A professora, ainda que negra, desde o começo não vira sua presença autorizada pelos membros do movimento, que alegavam não querer contribuir com mais um estudo sobre o qual nada saberiam terminada a coleta de dados. Tal frustração por parte dos sujeitos levou a pesquisadora a adotar uma estratégia que tanto a aproximou do grupo como deu ao estudo um caráter “provocador e inspirador” que, posteriormente, o converteu em um atraente livro levado a público pela editora Parábola.

Nessa obra composta por cinco capítulos, a autora fortalece a pertinência da temática abordada desde a introdução, denominada “Um começo de conversa”, espaço no qual é feita uma contextualização prévia do leitor com o início do Hip-Hop nos anos 1970-1980, bem como com as nomenclaturas próprias do movimento (*MC, rapper*), o conceito de práticas de letramento e os objetivos do livro.

No primeiro capítulo, “Os modos de fazer a pesquisa”, são relatadas detalhadamente as estratégias metodológicas usadas para a geração de dados, desde as primeiras abordagens e os aspectos que nortearam a aproximação com o grupo até as escolhas dos enfoques. Foram estes: etnográfico e interpretativo. E, a partir de um compromisso de uma análise qualitativa, apurou-se um *corpus* composto por questionários, rodas de conversas, entrevistas individuais, autobiografias e palestras para estudantes de Pedagogia ministradas pelo grupo do “Projeto Hip-Hop Educando”, como foram nomeados os cinco ativistas que colaboraram com a pesquisa.

No segundo capítulo, “Letramentos da reexistência no cotidiano”, são apresentadas as perspectivas teóricas de letramento e postulados sobre

letramentos múltiplos e heterogêneos, em que se reforça a importância do aspecto sociocultural nas práticas de uso da linguagem. Nesse capítulo encontram-se referências aos estudos culturais de Hall (2003a, 2003b) e à visão bakhtiniana da linguagem. Em um segundo momento, as atenções são voltadas ao contexto do afro-brasileiro, incrementado por dados da cultura e escolarização da juventude negra brasileira, e a disparidade social e escolar mantidas pelo racismo. Também se salientam as táticas por meio das quais a população negra busca educar-se em meio a negociações e subversões: a escolarização vista como uma possibilidade de ascensão social, a diferença entre ser um leitor ou leitora branca e ser um leitor ou leitora afro-brasileira e o conceito de hibridização cultural (CANCLINI, 2005).

No terceiro capítulo, “Hip-Hop: uma produção cultural da diáspora negra”, o foco é voltado para o desenvolvimento da identidade negra em São Paulo nos anos 1970. O capítulo explica que nessa época o racismo no Brasil era evidente, no entanto, surgem várias formas de afirmação da identidade advindas do povo negro. Uma delas foi o movimento Hip-Hop que deu acolhida aos ativistas interessados na defesa das práticas de letramento capazes de responder às demandas individuais e coletivas.

No quarto e quinto capítulo, vemos a pesquisa em seu estágio de desenvolvimento. Podemos apreciar as biografias, as transcrições das falas das Rodas de Conversa, a letra de Rap composta pelo grupo para a gravação de um CD, a capa do CD idealizada pelo grupo e aspectos como as escolhas de leituras feitas pelos cinco membros do grupo participante da pesquisa.

Observou-se, durante a análise minuciosa do *corpus*, a produção de práticas singulares de uso social da língua, a ênfase dada pelos ativistas ao falarem das relações interpessoais durante o período escolar, o contato com diversas leituras e a identificação especial com o fanzine – revista confeccionada por eles mesmos cuja temática estava relacionada às linguagens e temas abordados no movimento.

A comunicação oral é, no quinto capítulo, analisada sob quatro prismas: (a) na batalha dos *rappers* enquanto defendem suas convicções mediante a

velocidade, cadências e rimas impressas na música; (b) na batalha de educadores; (c) enquanto ministram as palestras há a busca do *ethos* de educador em contraste com o primeiro caso; e (d) a batalha de ideias entre agentes de letramento onde a questão racial ganha vulto.

De leitura fácil e agradável tanto para estudiosos de Linguística e Letramento como para leitores em geral, *Letramento de Reexistência* traz, além do termo “reexistência” - qualificado por Roxane Rojo para referir-se aos agentes de letramento que criam condições alternativas e que também formam pessoas para tal -, fotos dos participantes, dos momentos da geração de dados e um *layout* jovial, o que não somente o promove como um livro atraente para a juventude, mas que também nos brinda, em suas páginas, com o diverso panorama de letramentos propiciados pelo Hip-Hop em diálogo com a densa realidade dos jovens e dos negros da periferia.

Referências

CANCLINI, N.G. *Culturas Híbridas – estratégias para entrar e sair da modernidade*. Rio de Janeiro: EDUS, 2005.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPA, 2003a.

_____. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais*. In: SOVIK, L. (Org.). Tradução de A. La Guardiã Resende et. al. Belo Horizonte – Brasília: editora UFMG – Representação da UNESCO no Brasil, 2003b.

ROJO, R. *Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Enviado em dezembro de 2012.

Aceito em dezembro de 2012.